

Bioética: comunicação científica e realidade social

Juan María Cuevas Silva*
Giovane Mendieta Izquierdo**

DOI: <http://dx.doi.org/10.18359/rlbi.2730>

Cómo citar:

Cuevas Silva J. M., Mendieta Izquierdo G. (2016). Bioética: comunicación científica e realidade social. *Revista Latinoamericana de Bioética* 17(1), 11-13. DOI: <http://dx.doi.org/10.18359/rlbi.2730>

Qual que é o sentido de publicar revistas indexadas? Esta questão tornou-se mais contundente e crítica na Colômbia, tendo em conta a política estabelecida pelo Colciencias,¹ através de Publindex,² a agência responsável pela fixação dos critérios e as políticas do sistema nacional de indexação de revistas científicas, onde se centra a preocupação pela visibilidade e o impacto das publicações, com prioridade para os índices de citação que tem recebido as revistas, bem como aos acadêmicos e pesquisadores envolvidos no processo editorial, seja como autores, avaliadores ou membros dos comitês editorial ou científico. As «novas» exigências para que uma revista científica seja indexada na Colômbia são outro sinal da letargia dos processos editoriais científicos da nossa nação, realizados há mais de 20 anos. Publicar hoje traz consigo uma série de exigências que vão desde o artesanal até o mais tecnológico, mas na Colômbia temos ficado no artesanal, na era da imprensa de Gutenberg. Apesar da prolífica produção literária científica, existente em nosso país nos últimos 20 anos, apresentam-se para nós três problemas: uma relativa à qualidade científica da publicação; dois, a contribuição para a realidade social, e três, o sentido ético da publicação científica.

11
Bioética

* Mestre em Educação e doutorante em Processos Políticos e Sociais na América Latina. Professor assistente, Faculdade de Educação e Ciências Humanas, Universidad Militar Nueva Granada. Editor da Revista Latino-Americana de Bioética. E-mail: juan.cuevass@unimilitar.edu.co; revista.bioetica@unimilitar.edu.co; ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1680-6223>, Bogotá, Colômbia.

** Mestre em Educação e Doutor em Ciências da Saúde Pública. Professor assistente, Faculdade de Educação e Ciências Humanas, Universidad Militar Nueva Granada; coeditor da Revista Latino-Americana de Bioética. E-mail: giovane.mendieta@unimilitar.edu.co; ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5085-3242>, Bogotá, Colômbia.

¹ Entidade pública que conduz, dirige e coordena a política nacional de ciência, tecnologia e inovação, e do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação para gerar e integrar o conhecimento para o desenvolvimento social, económico, cultural e territorial do país” tirado de http://www.colciencias.gov.co/colciencias/sobre_colciencias/mision-vision

² É o Índice Bibliográfico Nacional de Colômbia, que indexa e homologa as revistas científicas.

O que é a qualidade científica? Quem determina que um artigo seja científico? O que é a cultura de qualidade científica? Fazer esses tipos de perguntas, óbvias para alguns setores acadêmicos, exige uma análise do que significa a comunicação científica, aspecto que no contexto colombiano muito pouco tem sido analisado e discutido, já que a preocupação tem sido centrada em publicar não importando o que, o importante é publicar. Este desconhecimento da qualidade científica, substituída no contexto colombiano -em alguns autores- pelo afã de “publicar”, não permite fazer uma abordagem a o valor de publicar com qualidade científica; ou seja, que se publica aquilo que contribui para o conhecimento, que, além disso, pela sua natureza, oferece elementos para a transformação ou mudanças sociais. Em outras palavras, o desejo de publicar na Colômbia nos levou a considerar que todo era científico, mas a rever a sua relevância social perde o seu valor. É curioso que, quando se analisa a história das publicações científicas na Colômbia, tem sido observado que estas últimas foram caracterizadas por ignorar o sentido da comunicação científica; ou seja, tem sido esquecido que requer-se-á um emissor, receptor, mensagem, canal, código, contexto. Ainda mais curioso, quando com estas publicações o Estado e as universidades públicas têm reconhecido por lei pontuações salariais; mas ao avaliar essas publicações, o decantar científica do país está cada vez mais para trás. O mercado dos *rankings* está-nos submetendo às falácias das publicações científicas: a visibilidade e o impacto, características próprias de uma sociedade selvagem do mercado do conhecimento, nas quais estão emergindo e, ao mesmo tempo, estão a ser reforçados impérios de indexação à custa de uma ciência desligada da realidade e os seus contextos.

12
Bioética

Isto leva a abordar o segundo problema: a contribuição para a realidade social. Noutros tempos a qualidade científica, vamos assumir que na época de Galileu ou do Sábio Caldas, teve a sensação de contribuir para a qualidade de vida dos seres humanos; hoje devemos falar do sentido bioético, ou seja, que a qualidade científica contribua à vida em toda a sua complexidade. Mas, infelizmente, a qualidade científica esta indo de costas à realidade do país e da vida. Nós somos do sul e nós queremos fazer publicidade científica como os do Norte; falamos, lemos e meio nos comunicamos em português, e a gente já quer ser lida em Inglês ou qualquer outra língua implementada pela “fracassada globalização”;³ fazemos e investigamos ciência partir de nosso contexto, mas não nós lemos entre nós mesmos, porque acreditamos que é melhor o estrangeiro do que a nosso, o regional. Em algumas áreas do conhecimento, como são as ciências sociais e humanas, são publicados mais artigos de reflexão do que de pesquisa, gerando uma dualidade de mundos: o intelectual e o real, ao estilo do pensamento platônico. Em outras palavras, acreditamos que nos

³ Concepção e conceituação abordada por Joseph E. Stiglitz, Zigmund Bauman, Klaus Bodemer, Peter Sloterdijk, Samir Amin, entre outros.

comunicamos cientificamente, mas ficamos como meros transmissores sem receptores; ou seja, foi possível publicar, mas não se comunicar, nem toda publicação científica é comunicação científica. Neste sentido, mais do que uma política para indexar, requer-se-á de uma “cultura de comunicar cientificamente”, pois com uma política cultura desconectada da realidade da ciência do país e da produção de seus pesquisadores a única coisa que consegue é agravar o sentido da comunicação científica, e isso limita o seu valor para um impacto e visibilidade nos empórios de indexação mundial. Seria interessante que fossemos lidos pelo mundo inteiro, que fossemos citados, mas mais interessante ainda é que nossos códigos de comunicação científica sejam acolhidos por sua contribuição significativa ao conhecimento, à ciência e à vida em geral, isto é, pela sua relevância no contexto nacional e, portanto, mundial, mas não podemos apostar-lhe para ser impactantes no mundo sem sê-lo em nossa nação.

O sentido ético da comunicação científica é um terceiro problema, entre muitos outros que poderiam ser listados. A visibilidade e o impacto, juntamente com a qualidade científica e a pertinência sócio-científica, perdem todo seu significado si se desconhecem, ou não são feitos com base nos princípios éticos da comunicação científica. O país do “Sagrado Coração”,⁴, católico por tradição, mas não pela Constituição Política, preocupado pela formação de valores éticos e de consciência moral, não tem sido consistente entre seu discurso e sua ação, para o qual não é alheia à comunicação científica. Estivemos duas décadas consagrados sob o princípio “publica-me, que eu te público”; agora o convite da política é “cita-me que eu te cito”. As práticas perversas na publicação científica podem ser evitadas sempre que o emissor da mensagem científica tenha consciência do que está comunicando, para o qual deve ter presente uns princípios, que não se podem limitar à originalidade ou a o plágio, a o manuseio adequado de dados e informação, mas também deve incluir os princípios relativos ao sentido social da comunicação científica a partir do espírito científico, que, afinal, é o que faz que uma publicação ou revista seja científica.

A comunicação científica e a realidade sócio-científica, tem sentido quando são recebidas nas comunidades acadêmicas de conhecimento e através delas chegam-se as mudanças e à transformação social; nisto resume-se o sentido de uma revista indexada, de tal forma que a sua visibilidade e impacto se darão pela natureza própria. Uma política de indexação nacional não pode ser limitada a um esforço para atender aos padrões internacionais que, entre outras coisas, desde muito tempo tem-se trabalhado em outros países. *Glocalizemos* nossa comunicação científica, sem cair nas redes do fracasso da globalização e o mito da indexação.

⁴ Advocação própria da Colômbia desde o início do século xx, popularmente usado para nos referir o país.